



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ CELSO SÁ FRONCKOWIAK WOLKER

(depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-228

Entrevistado: Luiz Celso Sá Fronckowiak Wolker

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Escola de Educação Física

Entrevistador: Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior

Data da entrevista: 14/10/2011

Transcrição: Alan Wasum da Silva

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 42 minutos e 05 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações: Entrevista realizada para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso de Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior intitulado “*RU na ESEF Já*”: o movimento estudantil lutando por assistência na Escola de Educação Física da UFRGS apresentado em dezembro de 2011.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Participação do entrevistado no Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach; Envolvimento com o Movimento de Estudantes de Educação Física; Campanha para a construção do Restaurante Universitário; a mobilização do Diretório Acadêmico; Estratégias da Campanha; A ocupação da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Avaliação do envolvimento dos estudantes da ESEF na Campanha; Estratégias de ação do Diretório depois da inauguração do Restaurante Universitário na Escola de educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 14 de outubro de 2011. Entrevista com Luiz Celso Sá Fronckowiak Wolker, a cargo do pesquisador Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.J. – Antes da campanha “RU¹ na ESEF² já!”, qual a sua relação com o Diretório Acadêmico ou movimento estudantil?

L.V. – Eu entrei na UFRGS em 2006 no segundo semestre e eu entrei já, pelo que eu me recordo, no início da organização da campanha. E acredito que já tinham alguns movimentos nesse sentido lá dentro do Diretório Acadêmico, mas a minha relação com o DAEFI³ se deu desde a minha entrada na universidade e eu diria que, pelo que eu me lembro, a campanha tomou corpo mesmo a partir desse segundo semestre de 2006.

C.J. – Qual a visão que tu tinhas do movimento estudantil?

L.V. – Na verdade eu já sabia que tinha um movimento estudantil organizado pelas conversas que eu tinha com o pessoal da ESEF pelo Orkut, mas eu não sabia de que forma eles se organizavam. Tanto é que, uma das primeiras até antes do meu ingresso, foi a respeito de como se forma uma chapa, qual é a quantidade mínima de pessoas numa nominata, isso pelo Orkut mesmo. As pessoas do DA na época me responderam que antes de eu me informar sobre isso, que eu procurasse me aproximar do Diretório Acadêmico, porque já existia um movimento lá e que talvez fosse importante que eu me agregasse a esse movimento pra dar continuidade ao que já estava acontecendo.

C.J. – O que tu sabias sobre o RU na ESEF antes da campanha?

L.V. – Antes de entrar na universidade eu não sabia nada, eu me aproximei dessa pauta por intermédio do Diretório Acadêmico. Não sabia absolutamente nada a respeito do RU.

C.J. – Como os estudantes da ESEF se alimentavam antes do RU?

¹ Restaurante Universitário

² Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

L.V. – Quando eu entrei lá ainda tinha uma lancheria lá dentro, que servia um *buffet*. E a outra alternativa era uma padaria que fica do lado de fora do Campus, na quadra ao lado, e que tinha uns salgados que tu poderias comer. E depois disso essa lancheria foi desativada, acho que terminou o contrato deles e eles acabaram não renovando, até muito em função da própria campanha. E por um bom tempo foi só a padaria e outro restaurante chamado Fome Zero que tinha na Salvador França, que também era outra rua lateral.

C.J. – E qual era o valor mais ou menos que os estudantes pagavam pelas refeições?

L.V. – Dessa lancheria dentro da ESEF eu te confesso que eu não tenho a mínima idéia porque eu botava meus pés lá dentro só para comprar, no máximo, uma água ou um café. Lembro-me que era algo em torno de seis ou sete reais a refeição. Eu lembro que era por quilo, e o Fome Zero era uma espécie de prato-feito no início e depois virou *buffet*, mas era em torno desse mesmo valor, cinco ou seis reais a refeição.

C.J. – E antes dessa campanha, a campanha “RU na ESEF já”, existia alguma campanha que tu tenhas ouvido falar na ESEF, pelo Restaurante Universitário?

L.V. – Soube que houve uma movimentação, mas eu não fiquei sabendo dessa movimentação antes da campanha pelo “RU na ESEF já!”. Fiquei sabendo das movimentações anteriores depois de eu já estar militando dentro do Diretório e estar com a campanha em andamento.

C.J. – Como foi a tua participação dentro da campanha?

L.V. – Eu considero que eu fui um sujeito ativo dentro da campanha, porque eu fiz parte das gestões - na de 2005/2006 não formalmente, mas me aproximei do Diretório Acadêmico. Na de 2006/2007 já estava na nominata e acompanhando também o DCE⁴ que estava dando apoio e participando também da campanha, então, acredito que tenha contribuído de forma ativa para isso.

³ Diretório Acadêmico da Educação Física

⁴ Diretório Central de Estudantes

C.J. – No que consistia mais especificamente a tua participação?

L.V. – Desde a organização da campanha na forma de discutir ela politicamente dentro do Diretório Acadêmico, discutir tática e estrategicamente ela nas reuniões e estruturalmente, no sentido de mobilizar pessoas; levar os estudantes junto para os ônibus para fazer atos e mobilizações. De maneira virtual também, divulgando a campanha na *internet*, participando de reuniões com o DCE enfim, acho que um pouco de tudo.

C.J. – Quais os pontos da campanha tu acreditas que foram os mais importantes para o sucesso da mesma?

L.V. – Acho que principalmente, naquele momento, a capacidade que o Diretório Acadêmico teve de esclarecer os estudantes da ESEF da necessidade de ter o RU e de que aquilo não era algo supérfluo que a gente estava reivindicando. Era um direito que a gente tinha, porque até então acho que era o único Campus da universidade que não tinha Restaurante Universitário e que a gente estava sendo extremamente prejudicado por isso. Acho que essa capacidade de esclarecimento e mobilização, para mim, ela acaba acarretando outros pontos centrais, mas esse seria talvez o primeiro.

C.J. – Para ti, qual foi o ponto que mais te marcou?

L.V. – O ato do dia 13 de setembro de 2006, onde o Reitor⁵ assinou o primeiro compromisso, vamos dizer assim, de que seria construído o Restaurante Universitário na ESEF. Foi um ato bem tenso e que talvez aquele ato tenha impulsionado o resto todo. Foi um número grande de estudantes da ESEF para lá e teve uma mobilização bem boa e acho que aquele foi o oxigênio que faltava pra dar o gás na campanha.

C.J. – Quantos estudantes da ESEF tinham naquele dia?

L.V. – É que da ESEF talvez tivessem um pouco mais de dois ônibus, talvez uns 100 estudantes. Mas outros estudantes dos outros Campi acabaram se agregando ao ato, que a

⁵ José Carlos Ferraz Hennemann, Reitor entre 2004 a 2008.

concentração dele foi na FACED⁶ e de lá nós nos dirigimos até a Reitoria. Acho que ao todo em torno de 130, 150 estudantes.

C.J. – Por que esse foi o momento que mais te marcou?

L.V. – Talvez porque tenha sido o primeiro. Inclusive porque tinha um elemento que era muito desmotivante, que muitos professores dentro da ESEF diziam que aquela era uma pauta inglória, que era uma pauta impossível, que era um elefante branco que jamais seria construído e tentavam desmobilizar. E aquilo foi a prova, acho que por isso a importância daquele momento, foi a prova de que realmente a gente poderia conquistar por meio da mobilização.

C.J. – Como era a participação dos professores e servidores na campanha?

L.V. – Os servidores demonstravam apoio mas não se colocavam ao lado dos estudantes, por exemplo, nas mobilizações. Sempre que perguntado a eles se achavam que a pauta era coerente, se a pauta era, vamos dizer assim, válida eles se posicionavam favoráveis. Mas não se colocavam na hora da mobilização lado a lado com os estudantes. E os professores eu me arrisco a dizer que a grande maioria deles se colocava contrária à mobilização e sinceramente, não sei se por realmente acreditar que aquilo não era possível ou se simplesmente pra evitar qualquer tipo de mobilização e organização do movimento estudantil.

C.J. – Teve algum professor que apoiou a campanha ou que ajudou, colaborou de alguma maneira?

L.V. – Eu lembro que alguns poucos professores pontualmente, na verdade, eu lembro de um professor que se colocava favorável a campanha, mas no mesmo sentido dos técnicos. Ele demonstrava o apoio numa conversa informal ou quando indagado sobre isso, mas ele também não se colocava lado a lado na hora da mobilização e da luta, que era o professor

⁶ Faculdade de Educação da UFRGS.

Mário Brauner⁷. De resto eu realmente não me recordo de professores que tenham se posicionado favoráveis a campanha na época.

C.J. – Como tu vias a participação dos estudantes em geral?

L.V. – A participação dos estudantes que faziam parte do DA era mais efetiva, inclusive, porque eram estudantes que participavam das discussões políticas à respeito da campanha que forma e quais seriam as táticas utilizadas na campanha, vamos dizer assim, eles se envolviam mais na organização da campanha propriamente dita. O restante dos estudantes vinha no momento das mobilizações, dos atos, dos atos almoço, das mobilizações sejam dentro ou fora da ESEF, por ter acordo com a pauta e não por se entenderem parte do movimento estudantil e querer organizar a campanha.

C.J. – Por que tu achas que os estudantes aderiram à mobilização?

L.V. – Eu acho que eles aderiram à mobilização porque se convenceram ou foram convencidos de que aquilo não era simplesmente uma pauta que um bando de loucos estavam querendo tocar “goela a baixo” da estudantada. Eles se convenceram de que estavam pagando caro a sua refeição, de que nos outros Campi tinha a possibilidade de ter uma refeição mais acessível, de ter, enfim, a assistência estudantil que nós não tínhamos naquela época. Acho que eles se agregaram as mobilizações por conta disso, por entender que era uma pauta real.

C.J. – E teve algum momento que tu achaste que o RU não sairia?

L.V. – Na verdade não. Como eu falei anteriormente, a partir daquela mobilização na Reitoria em setembro de 2006, em que o Reitor assinou o termo de compromisso, eu sempre acreditava. Achava que pudesse, inclusive, demorar mais do que demorou. Acho que tiveram elementos ao longo da campanha que fizeram com que se acelerasse o processo. Mas nunca cheguei a pensar que não seria possível, que nós não tivéssemos uma vitória.

⁷ Mário Generosi Brauner.

C.J. – Que elementos tu achas que aceleraram o processo?

L.V. – Os processos de ocupação que ocorreram em 2007 e que possibilitaram que o DAEFI e o DCE organizassem a ocupação da Reitoria com outras pautas, mas a central era o RU da ESEF e eu acho que aquele processo de ocupação da forma como se deu. Acho que a Reitoria não acreditava na capacidade de mobilização do movimento estudantil naquele momento, então, acho que a ocupação da Reitoria potencializou e acelerou quem sabe o processo de construção e de concretização do RU na ESEF.

C.J. – Quais eram as outras pautas da reivindicação da ocupação da Reitoria?

L.V. – Era a questão das ações afirmativas, da aprovação das cotas. Tinha a reforma do prédio do Direito que estava ameaçado de desabar. Tinha a falta de professores na FABICO⁸. Tinha problemas de irregularidades com os professores do Direito que não estava cumprindo carga horária. A ampliação do RU do Vale⁹ que já era pauta nessa época também. Tinham outras pautas que agora não me recordo, era uma lista de dez, talvez doze reivindicações.

C.J. – E como foi a negociação com a administração central da Reitoria durante a ocupação?

L.V. – Eu não participei diretamente desse processo de negociação. Inclusive nessa época eu não pude permanecer na ocupação porque eu trabalhava de madrugada, entrava no serviço às dez da noite e saía às oito da manhã. Então, justamente nos momentos que provavelmente seriam os mais tensos, que seria virar a noite lá dentro eu não pude participar, então eu não estava à frente dessa negociação.

C.J. – Teve alguma movimentação contrária a ocupação?

⁸ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

⁹ Referência ao Campus do Vale

L.V. – Teve movimentação contrária. Teve um pequeno número de estudantes que tentou organizar um movimento de desocupação da Reitoria que não tiveram muito sucesso, não tiveram sucesso nenhum.

C.J. – O que motivou esses estudantes a puxar essa oposição?

L.V. – Esses estudantes têm um ponto de vista divergente do ponto de vista do movimento estudantil que estava ocupando a Reitoria naquele momento. Os estudantes que estavam ocupando a Reitoria e que estavam reivindicando todas essas pautas, eram militantes de esquerda que entendem e defendem uma universidade pública, popular e de qualidade. E esses estudantes que tentaram organizar essa desocupação, no meu ponto de vista sendo bem direto, eles querem mais é que privatizem mesmo a universidade. Não estão interessados por exemplo com a pauta de assistência estudantil, das ações afirmativas.

C.J. – Tinha alguma pauta específica que eles eram contrários?

L.V. – Eles eram contrários principalmente a questão das cotas. Um deles inclusive já foi processado por atos racistas ou nazistas dentro da universidade.

C.J. – Com relação à campanha “RU na ESEF já!”, como tu enxergavas o papel do Diretório Acadêmico?

L.V. – O papel central. Porque a campanha era organizada dentro da Escola de Educação Física, dentro da ESEF pelo Diretório Acadêmico, e pauta era levada pra outros DA's para aproximar dessa pauta e para o DCE, inclusive, para agregar mais pessoas ao movimento. O DAEFI teve o papel central nesse sentido.

C.J. – E com relação às ações da campanha, quais que tu achas que foram as mais importantes?

L.V. – Acredito que os “atos janta”. O ato janta ele tinha uma capacidade de demonstrar na prática aquilo que a gente estava falando para as pessoas, daquela necessidade de ter e de que talvez do quão simples seria organizar um Restaurante Universitário dentro da ESEF.

Pode se dizer em relação ao número de estudantes que tinha dentro da Escola de Educação Física naquele momento, em torno de 700,750 estudantes, um grupo de quem sabe 15 pessoas ficar organizando ato almoço para 280 pessoas e conseguir dar refeição para essas 280 pessoas, acabava demonstrando na prática que aquilo era possível.

C.J. – Quando tu disseste ato janta, estavas te referindo aos ato almoço?

L.V. – Sim, aos ato almoço.

C.J. – Não aconteceu ato janta durante a campanha?

L.V. – Não.

C.J. – Depois da campanha, como ficou tua visão em relação ao movimento estudantil?

L.V. – Depois de inaugurado o RU?

C.J. – Ao término da campanha. Tu consideras que a campanha terminou na inauguração pode partir daí.

L.V. – Eu considero que a campanha se encerrou com a inauguração, porque tiveram alguns momentos em que a campanha teve que estar na rua pra garantir que o RU fosse inaugurado. Primeiro as obras atrasaram, depois que as obras terminaram demorou o processo de contratação de funcionários, então, eu considero que a campanha se encerrou com a inauguração do RU. E eu sinto falta de uma pauta concreta para organizar e para mobilizar os estudantes. Não para mim enquanto militante do Diretório Acadêmico, mas para outros estudantes da ESEF que não fazem parte do Diretório Acadêmico parece que é necessário que tenha uma pauta concreta, algo palpável que não se restringe ao campo das idéias. Parece que dificulta um pouco a mobilização e a organização quando não se tem essa pauta concreta.

C.J. – Tu te referiste aos prazos que não foram cumpridos, qual foi a reação do Diretório Acadêmico frente a esses prazos que não foram cumpridos.

L.V. – De reivindicação e de cobrança o tempo todo, desde o início.

C.J. – Como tu vêes o impacto do resultado da campanha nos estudantes da ESEF e na comunidade Esefiana como um todo? Após a campanha, como ficou a relação dos estudantes da ESEF com o movimento estudantil ou com o Diretório Acadêmico?

L.V. – Seguindo a mesma linha de raciocínio da outra pergunta em relação ao término da campanha, a impressão que eu tenho é que, findada a campanha, não é que os estudantes tenham se afastado do Diretório Acadêmico, mas a impressão que dá é que o pensamento da grande maioria dos estudantes era: “bom, agora nós ou, vocês já conquistaram o que vocês queriam, agora chega de baderna”, que é como é visto o movimento estudantil ainda hoje em muitos lugares e por muitas pessoas.

C.J. – Como que ficou o respaldo do Diretório Acadêmico frente aos estudantes?

L.V. – Acho que muitos estudantes ou a maioria deles que estavam na ESEF naquela época entendem que o Diretório Acadêmico teve grande responsabilidade pela conquista do RU. Então eles acabam visualizando e dando respaldo ao Diretório Acadêmico nesse sentido de que, se não fosse pela organização da campanha e pela mobilização do Diretório Acadêmico, quem sabe essa pauta não tivesse sido conquistada.

C.J. – E qual o acúmulo que ficou da campanha para o Diretório Acadêmico e para o movimento estudantil?

L.V. – Acho que esse acúmulo infelizmente fica restrito as pessoas que participaram daquele processo. Porque não houve sistematização daquele processo ao longo do processo e nem ao término dele. O acúmulo que se teve foi obviamente de vitória, mas os repasses que aconteceram ao longo do período se restringem a repasse por lista de *e-mail*, por algumas notas para o movimento estudantil, que fica muitas vezes restrita ao movimento. Ele não sai pra fora disso e às vezes a gente não consegue passar pra pessoas que vêm se aproximando do diretório acadêmico depois desse processo.

C.J. – Hoje qual a relação que tu tens com o Diretório Acadêmico?

L.V. – Eu faço parte do Diretório Acadêmico até hoje. Tive um ano afastado, que foi o ano de 2010 em que eu viajei, não estava em Porto Alegre e retornei em março de 2011. Até a minha saída, no início de 2010 e desde o meu retorno agora no início de 2011, eu continuo participando e militando pelo Diretório Acadêmico.

C.J. – Tem mais algum ponto que tu queiras comentar sobre a campanha, alguma história que tu queiras contar, algo que achas que precisa ser dito?

L.V. – Acho que não. [risos]

C.J. – Então concluo a entrevista.

[FINAL DO DEPOIMENTO]